

Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Country-City Relationship and Ruralities in Campos dos Goytacazes-RJ

Moreira Santos, Erika Vanessa

evmgeo@yahoo.com.br

Universidade Federal Fluminense – UFF/Campos

Resumo

Os assentamentos rurais, considerados como territórios marcados pela apropriação e resultado da luta dos trabalhadores, colocam em pauta a construção de territorialidades e a valorização de ruralidades. Neste artigo, o objetivo é apreender a relação campo-cidade e a construção de ruralidades nos assentamentos rurais de Campos dos Goytacazes, RJ. Para alcançar o objetivo apresentado, utilizamos como recursos metodológicos: levantamento teórico, levantamento de dados e informações de fontes secundárias, como Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, CPT (Comissão Pastoral da Terra) *via site*, SIDRA/IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), levantamento de dados e informações de fontes primárias com a observação sistemática e a aplicação de 38 questionários semiestruturados. Os dados e as informações foram analisados e compilados à luz da relação campo-cidade como processos socioespaciais permeados de contradições. Tratar de ruralidade envolve uma reflexão também dos enfrentamentos desses agricultores frente à presença da elite agrária/imobiliária e à imposição de um modelo de desenvolvimento ditado pelas regras da lógica capitalista. Ao enfrentar e valorizar suas estratégias, os agricultores constroem (cotidianamente) as suas territorialidades, consideradas nesse trabalho também como ruralidades.

Palabras-chave: relação campo-cidade, assentamentos rurais, Ruralidades e Territorialidades

Abstract

Rural settlements are territories characterized by the appropriation and the result of workers struggle. Also, they initiate the construction of territorialities and the valuation of rural areas. The purpose of this paper is to analyse the country-city relationship and the construction of ruralities in the rural settlements of Campos dos Goytacazes, State of Rio de Janeiro. The methodological resources used are the following ones: theoretical study; data and information collection from secondary sources, such as the Municipal Council of Goytacazes, the CPT (Comité Pastoral de la Tierra, in Spanish), Sidra/IBGE (Instituto Brasileño de Geografía y Estadísticas, in Spanish); and data and information collection from primary sources based on the systematic observation and application of 38 questionnaires. Data and information were analysed and compiled based on the country-city relationship as socio-spatial processes permeated by contradictions. To understand rurality also implies to understand the confrontation of these farmers against the presence of the agrarian/real estate elite and the imposition of a development model under the rules of a capitalist logic. When facing and valuing their strategies, farmers construct (daily) their territorialities, also considered in this paper as ruralities.

Key words: country-city relationship; rural settlements; ruralities; territorialities.

Resumen

Los asentamientos rurales son territorios marcados por la apropiación y el resultado de la lucha obrera, además ponen en marcha la construcción de territorialidades y la valoración de las zonas rurales. Este artículo evalúa la relación campo-ciudad y la construcción de ruralidades en los asentamientos rurales de Campos dos Goytacazes, Estado de Rio de Janeiro. Para lograr el objetivo, utilizamos como recursos metodológicos: estudio teórico, recopilación de datos e información de fuentes secundarias, como Ayuntamiento Municipal del Goytacazes, CPT (Comité pastoral de la tierra), Sidra/IBGE (Instituto Brasileño de geografía y estadística), recopilación de datos e información de fuentes primarias con la observación sistemática y la aplicación de 38 cuestionarios. Los datos y la información fueron analizados y compilados a la luz de la relación campo-ciudad como procesos socioespaciales permeados por contradicciones. Entender la ruralidad implica una reflexión también de la confrontación de estos agricultores frente a la presencia de la élite agraria/inmobiliaria y la imposición de un modelo de desarrollo dictado por las reglas de la lógica capitalista. Al enfrentar y valorar sus estrategias, los agricultores construyen (diariamente) sus territorialidades, consideradas en este trabajo también como Ruralidades.

Palabras-clave: relación campo-ciudad, asentamientos rurales, ruralidades y territorialidades

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir as estratégias de reprodução social e econômica nos assentamentos rurais de Campos à luz da relação campo-cidade e das ruralidades. Os assentamentos rurais são territórios construídos pela luta e resistência de sujeitos que buscam a sua reprodução frente a uma elite que concentra renda e terra. E ao resistirem, constroem suas ruralidades, adotando estratégias organizacionais, técnicas e laborais.

O estudo sobre ruralidade¹ ou ruralidades² vislumbra sobre a relação entre os sujeitos e seus espaços, como as práticas são construídas, mantidas, transformadas e perpetuadas no campo simbólico e no campo material. A ruralidade, portanto, é carregada de significações³, de resistências e de valorização do campo, não como bucólico, estagnado ou romantizado, mas de um conjunto de elementos e estratégias de reprodução que valorizam o espaço e os sujeitos que vivem nesses espaços.

Para alcançar o objetivo apresentado, utilizamos como recursos metodológicos: seleção, leitura e discussão teórica, levantamento de dados e informações de fontes secundárias, como Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, CPT (Comissão pastoral da Terra) *via site*, SIDRA/IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), *Cidades*, levantamento de dados e informações de fontes primárias com a observação sistemática e a aplicação de 30 questionários semiestruturados, sendo 18 no assentamento Che Guevara e 12 no Ilha Grande. Os dados e as informações foram analisados e compilados à luz da relação campo-cidade como processos socioespaciais permeados de contradições.

O texto está estruturado em três partes, além desta introdução, das considerações finais e das referências. A discussão sobre a relação campo-cidade é o foco da primeira parte, entendendo que não se trata de uma perspectiva dicotômica e tampouco do contínuo, mas na visão interdependente, com especificidades, modos, práticas e funções distintas. Uma breve explanação sobre a ruralidade também está presente nessa seção, com o intuito de valorizar o espaço rural como território contraditório de resistências. A segunda parte tem como objetivo realizar uma contextualização histórica da relação campo-cidade em Campos desde o período colonial até o momento atual, a qual intitulamos de Campos na discussão da relação campo-cidade. A terceira parte aborda os assentamentos rurais e a relação campo-

¹ Wanderley (2000), Medeiros (2011)

² Carneiro (1998)

³ Medeiros (2011, p. 63)

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

cidade, a partir das estratégias de reprodução econômica e a última parte encerra esse texto, mas não a discussão, com enfoque nas estratégias adotadas pelos agricultores para permanecer na agricultura e no espaço rural.

Relação campo-cidade

O tema campo-cidade não é novo e tampouco se esgotou no âmbito das ciências humanas. A cada período novos elementos são inseridos e velhos dilemas ainda persistem. As definições oficiais remetem a uma visão operacional do que é o campo e do que é a cidade. Autores como Abramovay (1998), Graziano da Silva (1997), Veiga (2003), Schneider; Blume (2004), Carneiro (1998), Wanderley (2000, 2009) Kageyama (2008), Medeiros (2006) e Sposito (2006), guardadas as devidas diferenças teóricas e posições políticas, buscaram trazer para a reflexão o rural e o urbano no Brasil entre o final dos anos de 1990 e limiar do século XXI.

Abramovay (1998), ao discutir as medidas e as funções da ruralidade, aponta três inconvenientes na definição do rural pautado nos critérios quantitativos: a) os critérios estabelecidos internacionalmente são arbitrários; b) a comparabilidade internacional das informações sobre o meio rural fica seriamente comprometida; c) o critério de patamar populacional não permite uma abordagem regional da ruralidade.

O referido autor enumera três aspectos intrínsecos ao rural: a relação com a natureza; a relativa dispersão populacional; e a dependência do rural ao sistema urbano. Se o rural extrapola os limites físicos de área agrícola (área territorialmente definida por critérios políticos, econômicos ou ambientais), a ruralidade é a expressão do viver no rural, sem considerar a existência de uma sociedade urbana, isto é, uma construção fundamentada na inter-relação entre indivíduo e espaço. É importante ressaltarmos que essa abordagem apresentada por Abramovay (1998) não é uma definição criteriosa do rural, mas uma construção de cunho teórico da ideia do rural.

Sposito (2006), ao retratar a relação campo-cidade, aborda os atributos que foram debatidos para entender tal relação, com a preocupação de não levantar uma leitura dicotômica. São três atributos comumente trabalhados: concentração demográfica, diferenciação social e unidade espacial. Em relação ao primeiro, a preocupação é não comparar a cidade e o campo tendo como parâmetro a concentração de pessoas, mas “a concentração em si [...] de obras, de objetos, de infra-estrutura, de equipamentos, de edificações, de acontecimentos, de ideias, de valores [...]” (SPOSITO, 2006, p. 113). Desse modo, apenas a concentração populacional é pouco para caracterizar os espaços rurais e urbanos e, segundo a autora, “a urbanização é um processo muito

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

mais complexo e não pode ser reduzido à sua dimensão populacional” (Sposito, 2006, p. 114).

O outro atributo apresentado e debatido por Sposito (2006) é a questão da diferenciação social, uma característica utilizada para definir o campo e a cidade é a divisão social do trabalho e as relações de poder atinentes a essa divisão. Segundo a autora, “a oposição entre cidade e campo cede lugar, do ponto de vista analítico, para o enfoque das relações entre cidade e campo e da unicidade e complementaridade compreendida por esse par dialético [...]” (Sposito, 2006, p.115).

A diferenciação social existe pela própria existência da divisão social do trabalho, que, por sua vez, também é territorial. Essa divisão pressupõe separação e, também, complementaridade (Sposito, 2006). No livro *A cidade do Capital*, Lefebvre (2001), com base teórica e epistemológica assentada nos escritos de Marx e Engels, sobretudo com a preocupação de compreender a cidade, destaca que “A superação da cidade e do campo pode e deve se superar” (Lefebvre, 2001, p.50), ou seja, a superação dessa dicotomia é uma das primeiras condições da sociedade. No modo de produção feudal, o conflito entre cidade e campo não exclui certa unidade, pois, segundo Lefebvre (2001), as revoltas na Idade Média partiram da cidade, mas não tiveram oposição entre campo e cidade.

De onde provinha a capacidade associativa da cidade [...]? *Das relações de produção*. [...] Na realidade, esta capacidade aparece como uma contradição destrutiva no interior da sociedade medieval; “o modo de produção” na medida em que chega a se constituir com suas funções e estruturas, na medida em que o pensamento teórico consegue concebê-lo como um todo, implica uma *hierarquização* (tão estrita quanto múltipla: as ordens, a nobreza, o clero) utilizando e *destruindo* as relações conflituosas (entre camponeses e senhores [...]). Acontece que a relação “campo-cidade” resiste a essa destruição e, conseqüentemente, provoca a derrocada de uma poderosa arquitetura sociopolítica. (Lefebvre, 2001, p. 62, grifos do autor)

A dialética está presente em sua compreensão da relação campo-cidade, pois “a negação se faz na afirmação, se de um lado, a cidade não acaba no campo, e vice-versa, o desafio é a superação simultânea do campo e da cidade”. Isso só é possível, segundo Lefebvre (2001, p. 73), pela imaginação, projeção e previsão teórica. É nesse sentido que buscamos entender a relação campo-cidade envolvendo não a separação estática a partir das atividades laborais.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

As diferenças existentes entre a cidade e o campo estão na divisão técnica, econômica e territorial do trabalho. Existem determinadas atividades econômicas que necessitam de concentração, proximidade e equipamentos urbanos. Enquanto outras são marcadas pela extensão e dispersão do campo (Sposito, 2006). É importante enfatizar que não estamos caracterizando que determinada atividade econômica é restrita unicamente a um espaço. Ao associar a indústria à cidade e a agricultura ao campo já pressupõe que tais espaços sejam estritamente definidos a partir dessas atividades. Isso negaria o fato da agricultura na cidade – agricultura urbana, e os grandes complexos agroindustriais no campo. Destacamos a posição de Sposito (2006) e Lencioni (2011), ao trazerem para a reflexão que a diferenciação social permite enxergar com mais nitidez os conflitos, já que vivemos em um modo de produção pautado em uma sociedade de classe.

A unidade espacial é outro atributo trazido pela reflexão de Sposito (2006). A continuidade territorial das cidades definia a morfologia urbana marcada por unidade e integração. Na idade média, por exemplo, as cidades eram fechadas por muralhas e definidas territorialmente a partir desse elemento. O campo era tudo que circundava. Há uma separação espacial entre campo e cidade.

Diante desses atributos mencionados, a autora se propõe a debater a relação cidade-campo a partir das descontinuidades territoriais. O ponto de partida é a opção pelo estudo das morfologias espaciais.

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos de solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e ao urbano (Sposito, 2006, p. 121).

A imprecisão na definição das formas urbanas decorre da própria dificuldade de estabelecer características limítrofes de cada espaço. A expansão urbana com a implantação de loteamentos, condomínios de médio e alto padrão, condomínios de chácaras para segunda residência (realizada com o parcelamento do solo), a instalação de distritos industriais ou mesmo condomínios industriais, são alguns exemplos que dificultam definir os limites do campo e da cidade. A definição da cidade, perante os órgãos públicos ocorre pela Lei do Perímetro Urbano, ou seja, perante a teoria tal lei seria um instrumento importante para ‘disciplinar’ ou ‘coordenar’ a expansão territorial urbana. Todavia, autores já trabalharam essa problemática e

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

constaram em diferentes municípios que a expansão está diretamente vinculada ao aumento da arrecadação do IPTU, aos interesses dos proprietários fundiários, aos interesses dos incorporadores imobiliários, tudo sendo 'orquestrado' pelo poder público.

Vale (2006), ao retratar o espaço periurbano e suas plurifuncionalidades, mostra que, nesses espaços, as funções rurais, agrícolas, urbanas e serviços se mesclam. Sposito (2006) reforça que são territórios indefinidos e que as cidades não devem ser tratadas como uma mancha homogênea e contínua. Há descontinuidades e fragmentação. Além dessa morfologia, o acesso às tecnologias e às novas técnicas resulta em diferentes temporalidades, ou seja, o ritmo das mudanças entre o campo e a cidade é distinto.

Ao tratar a relação campo-cidade, Santos (1998) discorre que ambos os espaços interagem mutuamente há alguns séculos, mas o modo de produção capitalista levou e agudizou ainda mais a separação. "Quanto mais modernizada a atividade agrícola, mais amplas são as suas relações, mais longínquos o seu alcance" (Santos, 1998, p. 54), por isso, o autor propõe entender a relação campo-cidade a partir de uma rede urbana, cuja base é o curto-circuito de produção. Com o acesso aos meios de comunicação – telefonia e internet – meios de transporte – individual e coletivo, a relação campo-cidade não ocorre apenas nos limites políticos municipais. Trazendo uma discussão nessa temática, mas também aprofundando na relação rural-urbano, temos Bagli (2006), que levanta alguns elementos para pensar tal relação – o tempo, a relação com a terra, os hábitos, as funções e a paisagem.

A relação com a terra é outra característica que permite dissociar o viver no rural e o viver no urbano. Abramovay (1998), Alentejano (2003) e Bagli (2006b), consideradas suas devidas posições teóricas, apontam, em seus trabalhos, esse vínculo (sujeito-terra-natureza) mais forte no rural.

Nos espaços rurais, as relações cotidianas são construídas tendo como base uma intensa ligação com a terra. O sustento da família é assegurado pelo trabalho sobre ela produzido, seja por intermédio dos produtos cultivados (para a venda ou consumo), seja por intermédio da criação de animais (pastagens e outras fontes de alimento). A terra não é mero chão, mas garantia de sobrevivência. Os hábitos são construídos tendo como referência a intensa relação que se estabelece entre terra e trabalho [...] (Bagli, 2006b: 87).

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

A abordagem territorial como caminho fundamental para compreender as contradições e a heterogeneidade do campo é a proposta teórica de Saquet (2006).

Em nosso entendimento, há o *campo/rural* e a *cidade/urbano* e a interação recíproca, através de diferentes redes de circulação e comunicação, entre ambos espaços, constituindo uma trama territorial. E esta trama está na base da complementaridade, ou seja, determina a existência e influência do urbano no rural e do rural no urbano (é importante que o pesquisador tenha clareza do que está entendendo por cada um destes conceitos: campo, espaço agrário ou rural, cidade e urbano) (Saquet, 2006, p. 61).

Na leitura de Marafon (2012, p.156), a relação campo – cidade é fundamental no entendimento do próprio espaço rural. Atualmente, existem “novas qualidades e impressão de marcas forte na paisagem”, o campo não é apenas marcado por técnicas e modernização nos moldes do agronegócio, ele é mais amplo, com distintos sujeitos sociais. O espaço rural, segundo esse autor, é “espaço híbrido”, ou seja, é necessário “ponderar sobre o papel do meio natural, o papel da técnica, da herança histórica e da tradição e sobre o papel das grandes corporações, que articulam o local e o global” (Marafon, 2012, p.158). São vários sujeitos, empresas, estratégias e escalas. O grande desafio, a nosso ver, está justamente em compreender a relação campo-cidade com uma leitura transescalar e não hierárquica. O recorte espacial perpassa desde a região Norte Fluminense (antiga região açucareira de Campos), o município de Campos dos Goytacazes e os assentamentos rurais. As transformações espaciais envolvem diferentes escalas, consideradas nesse texto como construção social. A concentração de terra rural, a concentração de imóveis urbanos, a concentração de renda, a manutenção do poder oligárquico não se restringem ao campo e a cidade, uma vez que estão presentes na região.

Defendemos alhures (Moreira, 2012) que o rural é uma construção de valores e modos de vida no espaço e, também, envolve uma historicidade. Adotamos esta vertente por ser, na nossa opinião, a vertente mais coerente para compreender as mudanças no espaço rural e a consolidação da ruralidade contemporânea, porque nela a discussão não está centrada na definição dos objetos e dos espaços rural e urbano, mas numa interpretação da relação que os sujeitos estabelecem no/com o espaço.

A ruralidade já foi trabalhada por diferentes pesquisadores, como Pires (2008), Carneiro (1998, 2002), Wanderley (2000, 2009) e Kageyama (2008). Segundo Biazzo (2010, p. 219), ao retratar as ruralidades e as urbanidades no Norte Fluminense, campo e cidade são “encarados como formas concretas” e urbano e rural são

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

“compreendidos como representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito”. As urbanidades e as ruralidades seriam “atributos e não substantivos”, ou seja, possuem conteúdos analíticos. “Em áreas de campo, de vilas e de cidades (formas, conjuntos de objetos) existem urbanidades e ruralidades (conteúdos, heranças, origens, hábitos, relações, conjuntos de ações) que se combinam, gerando novas territorialidades”. No caso da área estudada, a implantação de assentamentos rurais configura-se como novos territórios e múltiplas territorialidades.

A primeira proposta a ser tratada é a de Wanderley (2009). A autora denomina de ruralidade dos espaços vazios a perda da vitalidade dos espaços rurais nas áreas em que predominam as grandes propriedades patronais. São espaços em que o cotidiano e as relações pessoais dão lugar aos investimentos financeiros e à reserva de valor. Em outro trabalho, publicado em 2000, a autora defende uma interpretação da ruralidade a partir dos problemas que afetam o rural.

A interpretação da nova ruralidade como expressão dos valores, das práticas e das vivências de um modo de vida rural passa a ser um instrumento importante na formulação de políticas públicas voltadas a esse rural dinâmico e heterogêneo. É nesse sentido que a interpretação do rural, da ruralidade e das relações rurais-urbanas é elementar para estabelecer novas diretrizes e novas propostas, cujo eixo norteador seja a promoção do desenvolvimento no seu mais amplo sentido (local, sustentável, regional, rural, territorial etc.). Wanderley (2009) seleciona alguns indicadores da nova ruralidade, os quais são resumidos nos seguintes itens: 1. diversificação social, com a existência de diferentes funções; 2. relações de complementaridade entre o rural e o urbano; 3. crescimento da população rural e redução da migração rural-urbana; 4. modernização rural, com a instalação de equipamentos públicos básicos – coleta de lixo, assistência média, transporte etc.; 5. valorização do patrimônio cultural e natural; 6. novos papéis dos agricultores – preocupação ambiental e reprodução das tradições culturais rurais. Essas variáveis utilizadas para entender a ruralidade têm dois eixos centrais: a relação transescalar e o movimento contraditório de permanência e mudança. A ruralidade no período contemporâneo se fundamenta em dois alicerces: território, entendido como base de representação, e a localidade, compreendida como identidades territoriais fomentadas na relação entre o território e os grupos sociais (Carneiro, 1998). É dentro dessa perspectiva que o trabalho busca apreender, como a relação campo-cidade e as ruralidades são compreendidas ao longo do contexto histórico e, sobretudo, como os agricultores buscam valorizar e construir ruralidades com as diferentes estratégias de reprodução social e econômica.

Campos na discussão da relação campo-cidade

A organização espacial do município de Campos dos Goytacazes foi condicionada ao longo do contexto histórico por uma lógica pautada nos interesses da elite agrária, tendo em vista que a atividade agrícola monocultora era a cana de açúcar. O referido município está localizado na região Norte Fluminense, antes denominada de região açucareira de Campos. A região é composta de nove municípios e uma população total de 849.515 habitantes, conforme tabela 01 (IBGE, 2010).

Tabela N°1: Dinâmica Populacional da Região Norte Fluminense de 1970 a 2010.

Região Norte Fluminense	1970	1980	1991	2000	2010
Municípios	471.038	514.644	611.576	698.783	849.515
Campos dos Goytacazes	285.440	320.868	376.290	406.989	463.731
Carapebus	8.164	6.834	7.238	8.666	13.359
Cardoso Moreira	17.958	14.728	12.819	12.595	12.600
Conceição de Macabu	11.560	13.624	16.963	18.782	21.211
Macaé	47.221	59.397	93.657	132.461	206.728
Quissamã	9.933	9.620	10.467	13.674	20.242
São Fidélis	35.143	34.976	34.581	36.789	37.543
São Francisco de Itabapoana	39.883	35.932	38.714	41.145	41.354
São João da Barra	15.736	18.665	20.847	27.682	32.747

Fonte: IBGE, Gonçalves (2012)

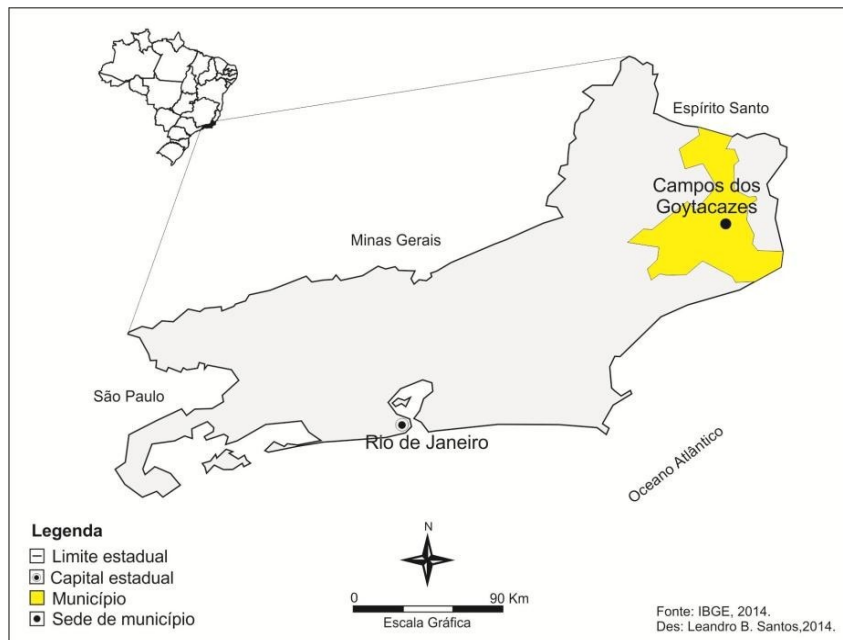
É o maior município em extensão territorial, com 4.026,696 Km², e o oitavo em população total do estado do Rio de Janeiro. Para entender como essa organização espacial foi sendo transformada à luz da relação campo-cidade, analisar-se-á o contexto histórico, com base em Bernardes; Silva (2014); Cruz (2003), Marafon et al. (2011) e outros. A contradição é o que marca o município de Campos dos Goytacazes e toda a região Norte Fluminense, pois, de um lado, arrecada vultosos recursos com royalties e participação especial com a exploração da Bacia de Campos e, de outro lado, apresenta os piores indicadores sociais. Essa contradição percorre toda a história.

Segundo Bernardes (2014, p. 24), a produção de cana de açúcar foi introduzida em meados do século XVIII, com o favorecimento de alguns fatores – terra (grandes extensões), topografia (planície), água e mão de obra. “Já no século XIX, a produção era a principal atividade econômica da região, que se tornou um dos maiores centros de produção do Brasil”. Com base em Prado Junior (2011), é possível afirmar que a exploração em larga escala definia a chamada grande lavoura do período colonial. “Cada unidade produtora, conjugando áreas extensas e numerosos trabalhadores,

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

constitui-se como uma usina, com organização coletiva do trabalho e mesmo especializações” (Prado Junior, 2011, p. 149).

Fig. N° 1: Localização do Município de Campos dos Goytacazes no Estado do Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: IBGE, 2014

A distribuição geográfica da produção canavieira é ampla no território colonial brasileiro. Particularmente na capitania do Rio de Janeiro, em especial em Campos dos Goytacazes, cujo registro em 1799 era de 324 engenhos de açúcar e 9 de aguardente. A organização da lavoura canavieira tem o engenho o elemento central, que abrange grandes extensões de terras, exploração direta pelo proprietário, pelos lavradores livres e pelos trabalhadores escravos. “O lavrador recebe a metade do açúcar produzido por sua cana, e ainda paga, pelo aluguel da terra que utiliza, certa porcentagem variável segundo os lugares e deduzida daquela sua metade “ (Prado Junior, 2011, p. 152).

Seria interessante conhecer a importância relativa da produção dos senhores e dos lavradores; encontrei apenas um dado a esse respeito, e ele se refere aos Campos dos Goytacazes em 1799; nesse ano, os engenhos do distrito produziram 1761 caixas para os senhores, e cerca de quatrocentas para os lavradores; tornando-se pois em consideração a divisão descrita – na hipótese de serem todos os lavradores livres, o que não é o caso nem para a maioria deles, pois nos Campos a propriedade fundiária é particularmente concentrada -, teríamos para os primeiros um máximo de 1361 caixas, e o

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

mínimo, para os lavradores, de oitocentas. [...] esses lavradores não são pequenos produtores, da categoria de camponeses; trata-se de senhores de escravos; suas lavouras sejam em terras próprias ou arrendadas, formam, como os engenhos propriamente, grandes unidades (Prado Junior, 2011, p. 152).

Pela citação anterior, podemos apreender que a elite agrária (açucareira) definia sua forma de controle na produção do açúcar. O engenho, como forma de organização espacial, é composto de instalações para a produção do açúcar (moenda, caldeira etc.), a casa do senhor, a senzala, as áreas de cultivo, as áreas de pastagem (animais para a produção do açúcar), as áreas para os cultivos variados para a alimentação e lenhas. Como expressa Prado Junior (2011), o engenho é “verdadeiro mundo em miniatura”. Como pensar a relação campo-cidade a partir desse contexto? A resposta se concretiza pela presença de 14 distritos e as inúmeras localidades e aglomerações espalhadas pelo território campista.

Na sede do município estavam concentrados os comerciantes, os “barões” em seus solares, cujo consumo mais sofisticado eram oriundos da França. Os produtos de consumo – perfumaria, bebidas e farmacêuticos – era adquiridos pelos senhores (elite agrária) e chegavam a partir do Porto da Lapa nas águas do Paraíba do Sul. A relação entre campo e cidade se dava a partir dessa nítida divisão social do trabalho (Zacchi, Caetano; Peixoto, 2013).

Segundo Ferreira (2015, p. 10), os fazendeiros moravam em suas terras, nas casas grandes. O centro da vila era composto de poucas ruas calçadas. “A principal rua era a Direita e atual XV de Novembro. A São Salvador, a principal praça, a rua 13 de Maio era a rua dos negócios, dos encontros e dos cafés”. O centro era frequentado pelos comerciantes, profissionais liberais e os latifundiários. “Os trabalhadores do campo e os pequenos proprietários raramente se dirigiam à cidade”, pela dificuldade no acesso aos meios de transporte e pela falta de estradas. A produção da cana ocupava os espaços onde estão os bairros próximos ao centro da cidade.

A transformação dos engenhos em usinas (à vapor) representou outra forma de visualizar a relação campo-cidade. “Foi criada em 1830, a primeira usina moderna, com funcionamento de motor a vapor” (Silva; Rainha, 2011, p. 44). A Usina do Limão representou uma mudança em dois sentidos – do tipo de energia usada (antes animal e humana), agora carvão; e a necessidade do aumento da produção de matéria prima. Após a instalação da Usina, foi inaugurada a ferrovia Norte-Sul, “houve uma facilitação da mobilidade populacional fazendo crescer a vila e assumindo, assim, a categoria de

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

cidade de Campos” (Silva; Rainha, 2011, p. 44). A mobilidade entre os municípios – principalmente, Campos e Macaé -, o aumento do escoamento da produção açucareira ocorreram de decorrência das ferrovias.

[...] em 1879 é instituída em Campos dos Goytacazes a Usina do Limão, a primeira destinada ao processamento de cana-de-açúcar instalada no Brasil. Segundo Paes (1999), no final do século XIX, a indústria do açúcar se encontrava bastante desenvolvida, principalmente em Campos dos Goytacazes. Esta fase da história, conhecida como a primeira modernização, tem como característica o surgimento da figura do usineiro. Este passou a exercer grande controle sobre processo produtivo da cana-de-açúcar (Aquino, 2008, p.67).

[...] O resultado desta transformação é a consolidação da penetração do capital financeiro e industrial no campo, que passa então a controlar toda a cadeia produtiva açucareira, desde o cultivo até a sua distribuição comercial. Ora, as usinas ao mesmo tempo em que possuíam fábricas, eram proprietárias de grandes extensões de terra, além de controlarem a mão de obra. Deste modo, a industrialização da produção do açúcar contribuiu para o surgimento de novas relações econômicas e de trabalho na região Norte Fluminense, por sua vez, calcadas nos moldes capitalistas, imprimindo uma dinâmica econômica concentradora de terras e capital. (Aquino, 2008, p. 68).

As áreas circundantes das usinas representavam “pequenas cidades”, com a área de transformação (moenda, caldeira etc.), as casas dos trabalhadores, as áreas de cultivo, os equipamentos de uso coletivo (escola, hospital, cinema). Essa aglomeração existe até os dias de hoje, com as ruínas das usinas, presença de casas dos antigos trabalhadores e alguns raros comércios.

O período áureo da produção açucareira foi marcado pela presença de 15 usinas, sendo uma situada nos limites entre o município de Campos dos Goytacazes e São João da Barra (Barcelos) e outra entre Campos dos Goytacazes e São Fidélis (Santa Cruz). Até os anos de 1960, representava a maior produção nacional. “A economia canavieira foi fundamental para a formação socioespacial do Norte Fluminense, sendo o elemento territorializador do espaço regional (Pose; Silva, 2014, p. 24). Muitas usinas estavam localizadas próximas à sede do município, como no caso das usinas Queimados, Cupim, São João e São José. Outras estavam nos distritos, como Santa Cruz, Sapucaia e formavam aglomerações de casas e pequeno comércio ao redor delas.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

O processo de urbanização nesse período, entre 1877 a década de 1950, segundo Silva; Rainha (2014, p. 46), foi fomentado com a criação de alguns bairros, sobretudo no distrito de Guarus, cujo elemento atraente era a presença da ferrovia Campos-Vitória. Outro processo merece ser apreendido, em 1890, após a abolição da escravidão, “o comando da vida cultural da região passou a dar mais ênfase ao núcleo urbano”, assim era importante para a elite criar determinadas medidas para o ‘viver na cidade’, foram “desenvolvidas medidas de saneamento”, com rede de esgoto, melhoria no abastecimento de água (Silva; Rainha, 2014, p. 45).

Temos, portanto, uma relação campo-cidade, em que os espaços agrários ficam circunscritos à produção canaveira-açucareira e o núcleo urbano ao recebimento desses equipamentos de uso coletivo. Todavia, a presença das usinas próximas ao núcleo da cidade permitia a fixação de trabalhadores na cidade, cuja ocupação laboral era nas usinas, mas o consumo era feito, de acordo com a sua necessidade, na cidade. É importante destacar a presença da elite agrária (detentora das terras e dos escravos) que concentra a terra, a renda e, conseqüentemente, a vida política local.

A resistência no campo não ocorreu somente com a decadência da atividade canaveira-açucareira, mas, segundo Ferreira (2015, p. 42), os trabalhadores rurais já nos anos de 1930 buscavam formas de organização e luta por seus direitos e contra a exploração dos usineiros e latifundiários. É criado, em 1938, o primeiro sindicato dos trabalhadores rurais do Brasil, cuja primeira assembleia reuniu 800 trabalhadores rurais em uma época de forte repressão política pelos latifundiários e usineiros e o reconhecimento foi em 1944. Nesse período, o autor narra que os latifundiários não concordaram com a Lei 3.855 – Estatuto da Lavoura Canaveira, que “concedia direitos aos trabalhadores na indústria do açúcar e aos rurais” e expulsaram os lavradores. Esses trabalhadores sem terra foram para as periferias de Campos, “beiras do rio e da linha férrea”. Ferreira (2015) relata que em Campos dos Goytacazes, “os comunistas criam uma liga camponesa⁴” nos anos de 1960, com o objetivo de lutar contra a grilagem e a exploração sofrida pelos agricultores. As diferentes formas de resistência, de mobilização aconteciam no campo e, também, na cidade (com apoio de advogados, professores e trabalhadores urbanos).

Nos anos de 1970, segundo Bernardes (2014) e Cruz (2016), marca o “início do fim”, pois essas usinas com quase um século de funcionamento estavam competindo com novas áreas produtoras de açúcar e, também, álcool. O trabalho humano era utilizado

⁴ Lideres importantes: Jose Pureza da Silva e João Guarda (Ferreira, 2015).

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

intensivamente e inúmeros casos de precarização e mesmo situação análoga a escravidão.

Determinadas condições da região também não eram propícias à instalação do novo nível técnico, como a área disponível para a produção de cana, a concentração de usinas na região e as pesquisas relacionadas com as melhorias na agricultura, que eram escassas. Tudo isso era agravado pela oferta abundante de mão de obra barata (Bernardes, 2014, p. 13).

Enquanto outras regiões do país – São Paulo, principalmente - foram implementadas novas usinas com equipamentos mais sofisticados, em Campos, segundo a tese de Bernardes (2014, p. 13), as mudanças técnicas ficaram restritas ao parque industrial e não à produção agrícola, cuja capacidade ociosa era de 30% no início e elevou-se até atingir o patamar de 70% de ociosidade levando ao estrangulamento do setor. “As usinas se renovaram tecnicamente, mas a produção de cana não correspondia em quantidade e qualidade”. Diante desse quadro de agravamento da crise do setor canavieiro-açucareiro, o Estado interviu com ações⁵, mas foram incapazes de possibilitar a reconversão desse setor.

Diante desse cenário no setor agrícola- açucareiro, a questão agrária também foi agravada, pois, com a falência das usinas e a redução da produtividade da cana, os trabalhadores vinculados às atividades laborais foram desligados.

A crise do setor agrícola se reflete diretamente na dinâmica populacional municipal, pois entre 1980 e 1991 a população classificada como rural diminuiu abruptamente de 125.477 para 58.309 habitantes e, conseqüentemente, há um aumento da população urbana, ou seja, um forte direcionamento da migração do campo para a cidade, como forma de reprodução social e econômica (tabela 02). Nesse período, muitos bairros urbanos são criados seja a partir de incorporadores privados, seja pela autoconstrução.

Tabela N°2: População entre 1940 e 2010, Campos dos Goytacazes.

Censos	Total	Urbana	Rural
1940	180.677	63.782	116.895
1950	200.327	79.790	120.537
1960	246.865	124.768	122.097

⁵ Já nos anos de 1960, o IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool - implementou o Plano de Expansão da Indústria Açucareira Nacional com o objetivo de mecanizar as etapas do processo produtivo e, em 1971, o Programa de Racionalização da Agroindústria Canavieira, com o intuito de modernizar o parque industrial (Usinas). Todavia, esses programas refletiram negativamente na atividade canavieira no território campista (Gonçalves, 2012, p. 50).

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

1970	285.440	167.330	118.110
1980	320.868	195.391	125.477
1991	376.290	317.981	58.309
2000	406.985	364.177	42.808
2010	463.731	418.725	45.006

Fonte: IBGE (2010), Gonçalves (2012). *estimativa populacional

Segundo Becker (2014, p. 85), ocorreu uma mudança na concentração do 'habitat' dos trabalhadores do cultivo da cana nas áreas das usinas, pois antes a aglomeração era ao redor dos complexos agroindustriais, com a instalação de casas, pequenos comércios, atualmente, há um "esvaziamento das áreas rurais e uma fixação desses contingentes de mão de obra rural nos entornos urbanos", principalmente no distrito sede, nos distritos de Travessão, Tocos e da baixada campista.

Em algumas localidades de Campos dos Goytacazes, formaram-se áreas periféricas em regiões próximas às usinas de cana-de-açúcar, caso observado, por exemplo, nas imediações do Distrito de Guarus, região que possui uma parte contígua a Usina São João. Todavia, os moradores expulsos das fazendas, mesmo alojados na zona urbana continuariam integrando as atividades ligadas à cana-de-açúcar, através do trabalho volante, favorecido pela realização de migrações pendulares. Desta forma, Campos dos Goytacazes, na década de 1970 assistiu à generalização do trabalho tipo boia-fria (Aquino, 2008, p. 72).

Os conflitos agrários se intensificaram diante da falência das usinas, da inadimplência com os salários e o abandono da atividade. O complexo açucareiro era composto do parque industrial e das fazendas produtoras da matéria prima. Quando as usinas começam a falir pelo aumento da ociosidade de sua capacidade de beneficiamento, conseqüentemente, a compra de matéria prima foi reduzindo.

Nesse período, outro evento foi a implementação da exploração do petróleo na região, cujas instalações das atividades de exploração têm sido em Macaé. Todavia, é importante situar que a crise do setor usineiro não é decorrente da exploração do petróleo. A partir dos anos de 1980, Campos dos Goytacazes e a região Norte passaram a direcionar seus projetos para a indústria do petróleo e os recursos oriundos a partir dessa exploração – os royalties e as participações especiais⁶ -.

⁶ A LEI Nº 9.478, DE 6 DE AGOSTO DE 1997 dispõe sobre a política energética nacional, as atividades relativas ao monopólio do petróleo. Informação extraída em Aquino (2008).

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Se, por um lado, há um direcionamento de projetos e investimentos via indústria petrolífera, por outro, há o agravamento da questão agrária. O campo e a cidade como relação contraditória e dialética. Se a migração rural-urbano foi intensificada pela decadência do complexo agroindustrial canavieiro, a migração urbano-rural era possível com a ação de grupos e movimentos sociais, nesse caso, em especial, do MST (Movimento dos Sem Terra).

Neste contexto histórico de declínio da monocultura da cana houve um aumento da concentração de terras improdutivas, criou um contexto em que o MST se sentiu atraído a iniciar o processo de ocupação de terras na região norte fluminense. [...] a chegada do MST ao norte- fluminense se fez sentir mais diretamente no município de Campos dos Goytacazes, pois no dia 17 de abril de 1997, o movimento liderou uma ocupação de terras com cerca de 730 famílias o complexo de nove fazendas pertencentes à Usina São João que havia falido alguns anos antes. A área de aproximadamente 8.000 hectares de terra veio a dar origem ao Assentamento Zumbi dos Palmares, onde acabaram sendo assentadas 508 famílias (Haddad, 2009, p. 34).

Na década de 1990, há, de um lado, o agravamento das questões sociais, com a manutenção do poder da elite agrária e patrimonialista e, por outro, a resistência e a importância das diferentes formas de organização. É nesse contexto que o MST ganha corpo no município, incentivando a luta pela terra nas áreas até então utilizadas pela exploração da cana de açúcar.

A organicidade do movimento social é possível tanto por trabalhadores rurais que foram expulsos pela decadência da atividade usineira que continuaram no campo com outras formas de estratégias – parceiros, meeiros -, como por aqueles que migraram para o centro urbano, instalando-se mais precisamente nas bordas da cidade⁷. Como menciona Oliveira (2004), a cidade é a unidade contraditória da relação campo-cidade. É na cidade que os movimentos ganham visibilidade e notoriedade. Segundo Aquino (2008, p. 49), a instalação dos assentamentos via formas de lutas – acampamentos, mobilizações, manifestações – permitiram, no final dos anos de 1990, a migração de retorno da cidade para o campo, com uma forma de estratégia de reprodução econômica e social encontrada pelos “trabalhadores agrícolas residentes na periferia urbana e pelos trabalhadores urbanos crescentemente excluídos pelo processo de modernização em curso, para superação do problema do desemprego”.

⁷ Chamado de Periurbano (Vale, 2005)

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

É dentro desse novo cenário da relação campo-cidade que debatemos a construção da ruralidade, como territorialidades marcadas pelas diferentes estratégias de reprodução econômica e social, com a manutenção/adaptação de práticas, habitus e organização. Se a ruralidade é construída como expressão do rural, a possibilidade de retorno cidade-campo permite reforçar a própria identidade do rural, do pertencimento e da valorização do rural a partir dos seus saberes e de suas estratégias.

No caso de Campos dos Goytacazes, o cenário que vai remetendo a um 'fim' do rural e a uma 'redução drástica' da população rural/agrícola como prognóstico diante da decadência da monocultura canavieira, da concentração de terras e de renda por parte da elite agrária/patrimonialista, a ocupação via acampamentos e, posteriormente, a constituição de assentamentos rurais é justamente uma resposta a esse prognóstico tão crítico. A contradição da relação campo-cidade aparece nesse ínterim. Como já mostrou Haddad (2009), Aquino (2008), Gonçalves (2012), Neves (2009), em seus trabalhos acadêmicos, os assentamentos rurais representaram novos territórios e a construção de novas territorialidades.

Outro processo importante a partir de 1990 é a expansão urbana e as mudanças no uso do solo de rural para urbano (Zacchi, Caetano; Peixoto, 2013). A conversão é fruto de estratégias de vários agentes sociais, os proprietários fundiários (elite patrimonialista), os incorporadores e o Estado. No caso de Campos dos Goytacazes, mais precisamente no caso da Usina do Queimado, os autores retratam que "ocorre um processo de crescimento da demanda por habitação e a expansão urbana em direção às usinas localizadas no entorno da malha urbana" (Zacchi, Caetano; Peixoto, 2013, p. 101).

Outrossim, a configuração da malha urbana em Campos não é apenas contígua, uma morfologia (extensa como uma mancha uniforme), mas apresenta fragmentação descontínua das áreas decorrente "do resultado da elaboração parcial de projetos de loteamento" (ZACCHI Zacchi, Caetano; Peixoto, 2013, p. 102). A própria descontinuidade entre o solo rural e solo urbano é um atributo discutido por Sposito (2006). A elite agrária que outrora controlava a terra, a monocultura, a produção açucareira e o trabalho agrícola, passou a estabelecer outra estratégia rentista, ou seja, aliaram-se aos incorporadores para o parcelamento da terra e, posteriormente, a venda.

Assentamentos rurais: as ruralidades construídas na relação campo-cidade

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Iniciamos essa seção com a preocupação de colocar o “campo” como cerne da discussão da relação campo-cidade. Oliveira (2004) entende o campo como território e a construção do território no modo capitalista de produção ocorre na destruição/manutenção/transformação. Oliveira (2004, p. 40) apreende a cidade como a unidade contraditória e dialética existente na relação campo-cidade, rural-urbano. Isso quer dizer “que campo e cidade, cidade e campo formam uma unidade contraditória”, em que as diferenças entre os setores da economia são soldadas pela coexistência desses dois mercados de trabalho e trabalhadores. A cidade, hoje, revela essas contradições. Ela é, pois, palco e lugar dessas lutas rurais/urbanas e urbanas/rurais. O que significa dizer que a compreensão dos processos que atuam na construção/expansão de grande parte das cidades passa pela igualmente necessária compreensão dos processos que atuam no campo (Oliveira, 2004, p. 63). O rural como campo de luta, segundo Oliveira (2004), se define pelas incessantes reivindicações e confrontos entre os dois modelos de agricultura existentes: agricultura familiar e agronegócio.

Dentro desse quadro que apresentamos, o norte fluminense concentra os maiores latifúndios do Estado do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, os conflitos agrários se intensificaram nos anos de 1990, com a atuação dos movimentos sociais, sobretudo o MST (Alentejano, 2003 y Gonçalves, 2012).

O primeiro assentamento no município foi em 1987, nas terras da antiga Usina Novo Horizonte, que deu nome ao Projeto de Assentamento concretizado pelo INCRA com 300 famílias. Gonçalves (2012), com base nos dados do INCRA, afirma que até 2011, foram criados 276 Projetos de Assentamentos no Estado do Rio de Janeiro e 10 em Campos dos Goytacazes (Quadro 02), com aproximadamente 1.135 famílias e em 17 mil hectares.

Quadro N°2: Assentamentos rurais criados em Campos pela atuação do MST.

Assentamentos	Fundação	Número de famílias
Zumbi dos Palmares	1997	506
Ilha Grande	1998	58
Che Guevara	1998	73
Antônio de Farias	2001	93
Dandara dos Palmares	2003	25
Terra Conquistada	2004	11
Paz na Terra	2004	73

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

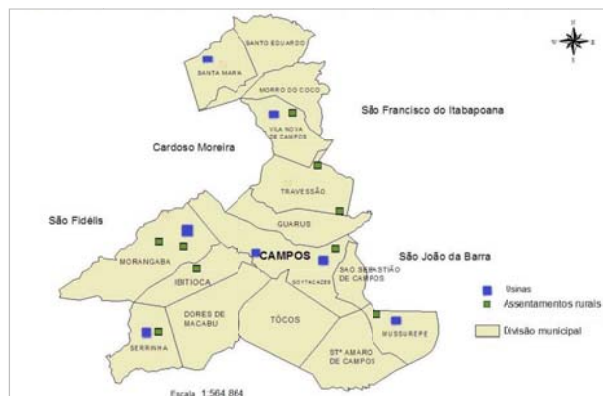
Francisco Julião	2006	47
Oziel Alves	2007	35
Josué de Castro	2008	34

Fonte: Haddad (2009); Gonçalves (2012)

As diacronias marcam os espaços rurais do Norte Fluminense, como reforça Biazzo (2010), seja pela manutenção do poder da elite agrária seja pela violência no campo. Não há como separar as formas (concreto) das funções (atividades). Para Biazzo, com base em Rua (2002), “o interior fluminense em conjunto é pleno de urbanidades, mas de modo bastante desigual”. Há, portanto, urbanidades e ruralidades imbricadas. “São ruralidades que se combinam com urbanidades e se perpetuam nas práticas sociais, assim como a criação de animais de estimação típicos de fazendas em meio a quintais ou mesmo nos telhados, nas casas de bairros diferentes cidades da região” (Biazzo, 2010, p. 233).

O conflito está presente no campo goytacaz, onde há, de um lado, a lógica do grande, do latifúndio, da elite patrimonial (pastagens e cana) e, de outro lado, a lógica da agricultura familiar, da produção diversificada, da resistência. Essa conflitualidade permite entender e reforçar as ruralidades, não como representações de um rural bucólico, romântico e estático, mas como expressão do rural e da relação campo-cidade. Segundo Biazzo (2010), “há uma sobreposição de territorialidades no norte fluminense, que hora de manifestam como ruralidades, hora como urbanidades”.

Fig. N° 2: Localização das usinas e dos assentamentos rurais no Município de Campos dos Goytacazes, RJ



Fonte: CPT - <http://www.cptnacional.org.br/>

Como pensar na relação campo-cidade, em que mais de 1.000 famílias foram assentadas e puderam garantir estratégia de reprodução social e econômica por meio

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

da agricultura? Consideramos os assentamentos como territórios de apropriação e de resistência.

O fortalecimento do rural depende de reestruturação da propriedade da terra através da realização da reforma agrária como passo fundamental para construir um padrão de desenvolvimento capaz de romper a miséria, desigualdade e dependência a que as populações rurais do país estão submetidas há muitos séculos (Fabrini, 2009, p. 147).

Em relação aos Assentamentos Ilha Grande e Che Guevara, o processo de ocupação ocorreu no ano de 1998 nas terras das fazendas Marrecas e Ilha Grade, pertencentes à usina Santo Amaro do Complexo agroindustrial de Baixa Grande. O assentamento Ilha Grande foi criado, segundo as informações do PDA (ITERJ, 2011), no ano de 2000, com 58 famílias e numa área de 822,72 hectares, sendo distribuída em área de Reserva Legal, área de Reserva Permanente e áreas comunitárias (cultivo e agrovilas). O assentamento Che Guevara foi criado em 1998 com 73 famílias em uma área de 1.119 hectares.

Segundo Haddad (2009), o assentamento Ilha Grande situa-se em uma área originalmente coberta por cordões arenosos e tabuleiros, mas com a utilização das terras pela pecuária extensiva e pela monocultura da cana, a vegetação original gradativamente foi sendo substituída pelas atividades mencionadas. Uma característica desse assentamento é a presença de muitos canais artificiais e brejos, todavia, os canais estão assoreados e há muitas reclamações em relação à quantidade e à qualidade da água para o uso na agricultura e doméstico. Os assentados têm que perfurar poços artesianos e a água sai com a coloração amarelada, o que inviabiliza o uso doméstico. A água, que é essencial para as atividades agrícolas e pecuária, é um problema presente nos assentamentos da Baixada Campista, pois os canais artificiais criados para a irrigação dos canaviais foram abandonados e hoje estão secos ou utilizados como depósitos de resíduos.

O Distrito de Mussurepê, onde estão localizados os assentamentos Ilha Grande e Che Guevara, tem uma população total de aproximadamente 10 mil habitantes, sendo 44% urbana e 56% rural. As atividades econômicas principais são: olarias, pecuária mista e olerícolas. A dinâmica da vila é marcada por um pequeno comércio e poucos serviços. Como os assentamentos rurais não há estradas pavimentadas, transporte coletivo, assistência médica, escola, a maioria das famílias reside nas localidades urbanas situadas no distrito de Mussurepê. O deslocamento é diário entre o local da casa (localidade urbana) e o local de trabalho (lote), por meio de bicicleta e moto. A própria

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

constituição das localidades de Marrecas e de Babosa com pequeno comércio e serviços básicos.

A construção desse povoado, denominado Marrecas permitiu maior mobilidade entre os trabalhadores, afinal, linhas de ônibus foram estabelecidas, ligando a localidade até o centro comercial de Campos dos Goytacazes, bem como serviços públicos: correios, escola municipal, posto de saúde. Além disso, estabelecimentos comerciais foram estabelecidos, atendendo às necessidades básicas dos moradores e movimentando a economia local (Penutt da cruz, 2013, p. 31).

Constatamos, em linhas gerais, assim como Penutt da Cruz (2013), que não há um único tipo de agricultor assentado, em relação a sua origem campo ou cidade. Pois, a formação dos assentamentos ocorreu com a vinda de trabalhadores rurais expulsos, demitidos da atividade açucareira, que encontrava em situação de falência nos anos de 1990 e também daqueles que estavam inseridos em atividades 'tipicamente urbanas'.

A produção é pautada na cana⁸, quiabo, aipim, maxixe, abóbora e pecuária de leite. Em relação às estratégias de reprodução econômica, constatamos do ponto de vista da atividade laboral, a combinação de renda agrícola, não-agrícola e de transferência social; como também a saída dos jovens para exercer atividades 'urbanas', nas cerâmicas, no comércio do núcleo urbano ou nos serviços gerais. A própria ausência de escolas nos assentamentos é um fator que leva gradativamente a saída dos estudantes em direção à cidade. Seguindo sobre as estratégias econômicas, nos assentamentos mencionados, os canais de comercialização são pautados majoritariamente na figura do intermediário. Os assentados que procuram outros canais de escoamento da sua atividade agrícola buscam uma 'aproximação' com o núcleo urbano, com a 'cidade', na forma de feiras ou projetos institucionais.

A implantação desse território de resistência e de apropriação tem ruralidades (territorialidades) substanciadas em diferentes formas de estratégias de reprodução social e econômica. No que tange às estratégias produtivas, os assentados desenvolvem desde cana, laranja, limão, goiaba, abacaxi, maracujá, hortaliças até a pecuária leiteira. Há, portanto, uma diversificação no âmbito do assentamento e o entrave é conseguir distintos canais de escoamento da produção. Aliada a essa estratégia, temos os mercados e as formas de comercialização como dificuldades,

⁸ No assentamento em pauta, a cana é vendida para as usinas de açúcar, serviço que ainda emprega a utilização da queima para realização do corte. Este corte não conta com o trabalho familiar, pois o comprador de cana ou atravessador se encarrega de levar a turma para tal serviço (Penutt da cruz, 2013, p. 30).

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

pois a figura presente do intermediário acaba reduzindo outras formas de venda, como feiras livres, comércio local (nas localidades próximas) ou mesmo nos programas institucionais. A consolidação de uma estratégia organizacional a partir de cooperativas ou associações seria uma forma de valorizar o trabalho coletivo, além de reduzir os custos com transporte e aumentar o retorno monetário com a produção agropecuária.

Em suma, os assentamentos rurais são inegavelmente formas de estratégias de reprodução social em que as ruralidades (as territorialidades) se manifestam desde o contato com o outro, na possibilidade de estabelecer formas coletivas de organização até nas manifestações do cotidiano, nas atividades agrícolas e no preparo do solo. É na cidade, nas localidades urbanas, nos distritos que buscam estabelecer uma proximidade, não apenas como o local de consumo, ou local de moradia (Che Guevara e Ilha Grande), mas como o local da manifestação da sua ruralidade, quando buscam jurídica e institucionalmente garantir seus direitos enquanto assentados, agricultores. O grande problema é quando os referenciais do modo de vida urbano são colocados como superiores, subjugando o campo como a negação da cidade.

Tratar de ruralidade envolve uma reflexão também dos enfrentamentos desses agricultores frente à presença da elite agrária/patrimonial e à imposição de um modelo de desenvolvimento ditado pelas regras da lógica capitalista. Os conflitos podem ser observados desde a luta dos agricultores inseridos no projeto de reforma agrária para ir contra o modelo da monocultura, pautado no trio: cana de açúcar, abacaxi e pecuária de corte; também contra o pacote químico amplamente utilizado nas lavouras, sobretudo no quiabo.

A busca de alternativa e a ruptura de fato ocorrem marcadas pela construção de novos desafios, seja com a adoção dos princípios da agroecologia e a diversificação produtiva, seja por meio de mercados institucionais. Ao enfrentar e valorizar suas estratégias, os agricultores constroem (cotidianamente) as suas territorialidades, consideradas nesse trabalho também como ruralidades. A organização dos agricultores de forma coletiva, a busca de diferentes canais de comercialização, o desenvolvimento de atividade agrícola sem a adoção do pacote químico e a mobilização em prol de uma Educação do Campo indicam que a construção de ruralidades (territorialidades) é permeada de conflitos e de diferentes estratégias de resistências.

Estratégias de reprodução econômica nos assentamentos rurais

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

As estratégias de reprodução social são ações e medidas adotadas pelos agricultores que visam a manutenção e novas formas de atuação no espaço rural, mas não necessariamente nas atividades laborais agrícolas. Segundo Abraham; Pastor; Torres (2014, p. 64), ao retratar a reprodução social e o campesinato, os estudos com enfoque nessa temática ganharam notoriedade no âmbito acadêmico nos anos de 1970, como possibilidade de compreender a coexistência contraditória de modos de vida diversos e de distintas formas de produção e trabalho. Há uma forte tendência de compreender as estratégias com base em Schneider (2003) com enfoque no grupo familiar, pois ele é o núcleo onde as decisões são planejadas.

Ao analisar as estratégias, a preocupação, segundo Abraham; Pastor e Torres (2014, p. 80), se volta a compreender como “los grupos sociales se reproducen en el contexto ampliado de la reproducción del sistema capitalista”, ou seja, há uma preocupação em identificar e analisar a pluralidade de atividades laborais (remuneradas ou não), decisões e relações em diferentes esferas – econômica, social, política e simbólica -. Essa passagem mostra que as estratégias são formas implementadas pelos agricultores para viver no campo, mas que não é uma ruptura com o sistema capitalista.

La adopción de esta perspectiva, en general se fundamenta en que permite comprender las estrategias de los agentes más Allá de la dicotomía acción-estructura, como practicas que preservan cierto grado de opción sin ser el resultado de la elección individual, libre y racional. (Abraham; Pastor, Torres, 2014, p. 81)

Ao abordar sobre os assentamentos e a valorização da ruralidade remete a uma ampla discussão sobre estratégias de reprodução econômica e social. Isso decorre da preocupação em entender como os agricultores buscam combinar atividades agrícolas e não agrícolas como resultado de ações mercantis e não mercantis. Os referidos autores argumentam que para entender as estratégias de reprodução social, é necessário averiguar qual o grau de dependência de rendas ou atividades fora da agricultura, que podem variar de região.

Tiende a reconocerse em este sentido, que las fronteras del mundo rural, antes imaginado com aislado y atrasado, se fundem con los espacios urbanos, no solo porque aumentan las interdependências entre ambos o dada la creciente interconexión que supone el continuo tránsito de trabajadores que cambian de residencia y lugar de trabajo (Mumis, 1998) sino porque además, que cada vez en menor medida los espacios rurales se ajustan a la tradicional

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

función que se les había asignado como proveedoras de materias primas y de alimentos a las ciudades (Abraham; Pastor, Torres, 2014, p. 81).

Essa citação expressa que as estratégias não ficam restritas ao um determinado espaço e tampouco o rural e o urbano são estanques. A reprodução social permite entender como os agricultores transformam o território onde estão inseridos ou são reflexos dos territórios que vivem, com a luta permanente pela terra e na terra. Vários autores buscaram apresentar as diferentes estratégias adotadas (Lamarche, 1993; Schneider, 2003; Anjos, 2003), cujo fio condutor desses trabalhos foi a articulação dos elementos endógenos (grupo familiar, propriedade etc.) e exógenos (mercado de trabalho, consumidor etc.).

É dentro dessa perspectiva que buscaremos identificar e analisar as estratégias de reprodução social e econômica dos agricultores dos assentamentos rurais de Campos dos Goytacazes. Foram aplicados 30 questionários, sendo 18 no assentamento no Che Guevara e 12 no Ilha Grande. Essa mostra representou 30% do total de lotes habitados.

Um primeiro aspecto que destacamos é o tempo de residência no assentamento, pois denota que esses agricultores do Programa de Reforma Agrária já exerciam atividades agrícolas em tempos pretéritos, mais especificamente na atividade canavieira (plantio, transporte ou produção sucroalcooleira). Em 60% dos casos, os agricultores residem a mais de 16 anos, ou seja, antes mesmo da implantação do acampamento em 2001. Para 33,3% dos entrevistados, começaram a residir após a implantação do assentamento e seleção feita pelo INCRA. É importante mencionar que nem todos os assentados entrevistados residem nos lotes, pois as dificuldades com o transporte público e acesso à escola e atendimento médico levaram a optar pela residência nas localidades, como Babosa, Marrecas ou Baixa Grande.

Em relação a faixa etária dos entrevistados, identificamos que 50% estão na faixa entre 36 e 59 anos e 30% com idade acima de 60 anos. Isso denota que há uma saída dos jovens para trabalhar nas cerâmicas e nas atividades de comércio nas localidades ou mesmo no distrito sede. O envelhecimento da população rural já foi retratado por autores como (Camarano y Abramovay, 1998). Nos assentamentos rurais pesquisados a realidade não é diferente, pois os jovens estão residindo nos lotes com seus pais, mas não necessariamente exercendo atividades vinculadas a agropecuária. As estratégias adotadas pelos jovens estão centradas nos trabalhos temporários na sede do distrito, nas cerâmicas ou como assalariados em estabelecimentos comerciais na sede do município (comércio, serviços gerais). O espaço rural é o local de moradia e

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

não local de trabalho. A falta de escolas com ensino médio e a baixa remuneração na agricultura são fatores, em linhas gerais, que levam ao abandono dos jovens do trabalho no campo.

Outra característica importante nessa caracterização das estratégias de reprodução social é o nível de escolaridade dos agricultores entrevistados (tabela 03).

Tabela N°3: Nível de escolaridade dos entrevistados dos assentamentos Che Guevara e Ilha Grande, Campos dos Goytacazes, RJ.

Nível de escolaridade	n.	%
Sem escolaridade	05	16,7
Ensino fundamental incompleto	17	56,7
Ensino fundamental completo	02	6,7
Ensino Médio incompleto	01	10
Ensino médio completo	03	6,7
Ensino superior incompleto	02	6,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de Campo, outubro de 2017

Em relação ao nível de escolaridade, os dados da tabela 03 já evidenciam o que ocorre no espaço rural como um todo, predominância de agricultores sem escolaridade e também com o ensino fundamental incompleto (antiga 4ª série). Em 56,7% do total, o nível alcançado foi o fundamental incompleto. E em 16,7%, os entrevistados sabem ler e escrever, mas não tiveram acesso à escola. Até hoje o espaço rural é considerado negação do urbano, e no caso das escolas, não há escolas rurais com ensino médio, e, no caso desses assentamentos, há apenas uma escola que vai até o ensino fundamental (9ª ano). A perspectiva dicotômica do campo e da cidade e a persistência de uma visão do campo subordinado aos ditames do urbano estão presentes quando diz respeito à escolarização. A educação é pensada nos moldes da cidade como se os agricultores e os moradores rurais não tivessem a oportunidade de estudar no seu território.

Múltiplas estratégias de reprodução econômica e a relação campo-cidade

Como defendem Abraham; Pastor, Torres, 2014, p. 94), as estratégias “constituyen un sistema en el se presentan cronológicamente articuladas, debido a que cada una de ellas se aplica a puntos diferentes en el ciclo vital”. Além dos elementos endógenos,

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

do grupo familiar, os autores destacam os demais mecanismos – mercado, direito, escola – que são institucionalizados ou não. A relação de elementos endógenos (família, primordialmente) e exógenos (políticas públicas, mercado, serviços etc.) permite a criação de diferentes estratégias no âmbito do grupo familiar e da própria comunidade, nesse caso, dos assentamentos.

Nesse item, buscar-e-ão focar os diferentes mecanismos de estratégias adotados vinculados, a saber: tipos de atividades laborais, a importância de outras rendas não-agrícolas, a participação em organização coletiva, o orçamento familiar, os tipos de crédito adotados, tipos de mercados consumidores, adoção de produtos químicos e as dificuldades em relação ao 'viver na agricultura' e 'viver no assentamento'.

Sobre a participação na agricultura, podemos verificar a existência de famílias agrícolas, pluriativas ou não agrícolas. Sobre a pluriatividade, nosso referencial é Schneider (2003), cuja definição é a combinação de entradas monetárias agrícolas e não agrícolas no âmbito da família. É, portanto, uma estratégia econômica importante para elevar a renda familiar e a permanência no campo e que articula dois mercados de trabalho – rural e urbano.

Em 80% dos entrevistados a agricultura é praticada em mais de 80% do tempo, corroborando que a agropecuária é a atividade que mais demanda tempo para os entrevistados, com a produção de quiabo, pecuária, leite, maxixe e abobora. Em 10% dos casos, a atividade agrícola é praticada entre 50 e 80% e menos de 50%, no caso de famílias que tem renda oriunda de aposentadoria. A presença de 6,7% de serviços domésticos e outras ocupações decorre a prática de empregos em serviços gerais e a venda de mercadoria (não agrícola).

Foi notório que 50% dos entrevistados não desenvolvem outra atividade não agrícola, ou seja, mesmo àqueles que mencionaram outra fonte de renda além de sua atividade agrícola, apontaram que são temporários em outras propriedades rurais, ou seja, 16,7%. O comércio e as demais ocupações correspondem, cada uma, a 10% dos entrevistados.

Sobre a participação dos entrevistados em organizações coletivas, houve casos que o entrevistado citou mais de um grupo, por isso, a soma das respostas foi maior que 30.

Tabela N°4: Participação dos entrevistados dos assentamentos Che Guevara e Ilha Grande em organização coletiva

Participa de algum grupo?	n.	%
Cooperativa	05	16,7

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Associação de produtores	16	53,3
Sindicato rural	05	16,7
CPT	01	3,3
MST	01	3,3
Nenhum	10	33,3
Total	30*	100*

Fonte: Pesquisa de Campo, outubro de 2017 * mais de uma resposta

A participação na associação de produtores foi mencionada em 53,3 % dos casos, como está na tabela 04. Coincidentemente, no dia da aplicação do questionário, houve uma reunião na localidade de Marrecas com os associados para discutir a liberação da DAP e um possível projeto junto ao poder público local. A não participação foi mencionada em 33,3% dos entrevistados. Tanto a participação na Cooperativa quanto no Sindicato dos trabalhadores rurais foi verificado em 16,7% do total. Uma estratégia muito importante na reprodução social e econômica é a organização coletiva, todavia, os dois assentamentos enfrentam problemas internos para a consolidação de uma cooperativa de produção de açúcar mascavo (inaugurada em 2013 e parada no ano de 2015).

A obtenção de crédito, em especial, do Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) foi mencionado em 76,7% dos entrevistados. Alguns mencionaram que estão saldando a dívida para tentar outro crédito. Em 20% não houve acesso ao crédito e 3,3% não soube informar.

A utilização de produtos químicos foi mencionada por 53,3% dos entrevistados, principalmente nas lavouras de cana e quiabo. Em 43,4% não há utilização desses produtos. Há iniciativas embrionárias para a agroecologia, com a adoção do sistema mandala, mas há dois problemas, a qualidade da água e o solo muito ácido (ph muito baixo), além da falta de informação junto aos agricultores em relação as diferentes técnicas de cultivo.

Uma estratégia que pode viabilizar ampliar a renda é aumentar a área cultivada e melhorar a produtividade. A partir da pesquisa, em 60% dos entrevistados assinalaram que desejam aumentar a área cultivada em 2018, com cana e quiabo, principalmente. Em 20% não há interesse ou não há perspectiva para tanto. A ampliação da área não significa a diversificação, pois no assentamento é significativo o cultivo da monocultura da cana e do quiabo.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Uma questão importantíssima para entender as estratégias de reprodução social refere-se ao tipo de canal de comercialização, como mostra a tabela 05.

Tabela N°5: Quais são os tipos de comercialização realizados? Segundo os entrevistados dos assentamentos Che Guevara e Ilha Grande, Campos dos Goytacazes, RJ.

Tipo de comercialização?	n.	%
Intermediário	23	76,7
Feiras	02	6,7
Venda direta ao consumidor	11	36,7
Supermercados	01	3,3
Autoconsumo	17	56,7
Total	30*	100*

Fonte: Pesquisa de Campo, outubro de 2017 - *mais de uma resposta

A tabela 05 aponta que 76,7% dos entrevistados vendem para os intermediários, sobretudo da região metropolitana do Rio de Janeiro, que vem com seus caminhões para buscar a cana e demais produtos agrícolas. Esses intermediários têm seus empregados temporários que fazem a colheita e o carregamento dos caminhões. Em 36,7% a venda ocorre diretamente ao consumidor, nas localidades próximas – Mussurê e Farol de São Thomé. O autoconsumo foi assinalado por 56,7% dos entrevistados, justamente em relação aos produtores de hortaliças, banana, abóbora, aipim, maxixe, quiabo e batata doce. As respostas foram de múltipla escolha, portanto, os agricultores têm mais de um canal de comercialização, todavia, a presença do intermediário é, infelizmente, majoritária. As estratégias de reprodução econômica evidenciadas a partir dos canais de comercialização estão atreladas aos tipos de rendas dessas famílias pesquisadas. Como destacam Abraham; Pastor; Torres (2014), as estratégias estão atreladas, em suma, ao mecanismo impostos pelo Estado, seja com a distribuição de terras, as políticas de regulação de preços agrícolas ou políticas estruturais, todavia, é no grupo familiar que as ações serão executadas, transformadas ou negadas.

As famílias rurais não vivem apenas com rendas oriundas da agricultura, como mostra a tabela 06, mas a renda agrícola está presente em todas as combinações monetárias.

A tabela 06 aponta um resultado interessante em relação ao tipo de família entrevistada. Destacamos 36,7% do total de família cuja renda é somente de atividade agrícola, ou seja, são famílias agrícolas. Já em 30% das famílias, a renda agrícola e somada a renda de transferências sociais (bolsa família e aposentadoria). Identificamos 10 famílias pluriativas, representando 36,7% do total e 3,3% de não-

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

agrícola. Esses dados denotam que a agricultura é uma forma de estratégia de reprodução econômica, mas que as famílias buscam incorporar diferentes entradas monetárias – transferência social, atividades não agrícolas, artesanatos, aluguel de equipamentos ou casas nas localidades urbanas -.

Tabela N°6: Tipos de rendas dos entrevistados dos assentamentos Che Guevara e Ilha Grande, Campos dos Goytacazes, RJ.

Possui quais rendas	n.	%
Somente agrícola	10	36,7
Agrícola e transferências sociais	09	30
Agrícolas e não agrícolas	08	26,7
Somente não agrícolas	01	3,3
Agrícolas, não agrícolas e transferências sociais	02	6,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de Campo, outubro de 2017

O tipo de família está relacionado ao valor da renda mensal, pois a diversificação de atividades e produtos auferem uma renda média mensal maior.

Tabela N°7: Renda familiar dos entrevistados dos assentamentos Che Guevara e Ilha Grande, Campos dos Goytacazes, RJ.

Renda familiar	n.	%
Até 1 sm	03	10
De 1,1 a 2 sm	13	43,3
De 2,1 a 5 sm	09	30
Não respondeu ou não soube	05	16,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de Campo, outubro de 2017

Constatamos na tabela 07 que 43,3% do total tem uma renda mensal entre 1,1 a 2 salários mínimos. É importante enfatizar que a contabilidade nas famílias rurais as vezes é majorada para menos, pois muitas vezes as famílias não calculam as pequenas vendas. Para 30% das famílias a renda situa-se entre 2,1 a 5 salários mínimos. E tivemos uma resistência de 16,7% em não expor a renda. Esses dados analisados estão intimamente relacionados aos problemas e as dificuldades enfrentadas no âmbito do distrito e do assentamento.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

Durante o campo, os entrevistados mencionaram muita insatisfação quanto ao poder público local, ao governo federal e ao INCRA. Ao indagarmos sobre a água, 90% dos entrevistados mencionaram que enfrentam problema com a qualidade da água. Em todos os entrevistados, o uso da água para beber e cozinhar depende da compra de galões de 20 litros. A água tem uma coloração escura, como ferrugem e salobra. Além disso, a empresa águas de Paraíba prometeu caminhão pipa semanalmente, mas isso demora mais de um mês.

Em relação aos problemas apontados pelos entrevistados, destacamos a má situação das estradas (40%), em alguns trechos não há pavimentação ou o asfaltamento tem muitos buracos e sem acostamento e sem sinalização. A água já foi mencionada que é um problema muito sério para a agricultura e principalmente para uso doméstico (43,7%). Constatamos que 36,7% apontaram a falta de mais horários para o transporte público (vans), pois tem dois horários e geralmente não são respeitados. A falta de postos de saúde, de escola ou mesmo de comércio foram mencionados também. Segundo Santos (2011, p. 34), a localidade de Marrecas mantinha uma proximidade com Açu e Quixaba, sendo que cada localidade tinha sua core área com casas, capelas e pequeno comércio. Uma dificuldade apontada repetidamente pelos entrevistados é a qualidade da água. Segundo Santos (2011, p. 34), “ com o assoreamento e a desativação dos canais de drenagem e com a subida do nível do lençol nos dias de chuva, a água se acumula no solo”. Esses canais foram construídos na época em que a produção de cana imperava na localidade, nas terras do complexo de baixa grande. Notamos, ao longo das estradas, que muitos assentados utilizam essa parte entre o lote e a estrada para o cultivo de banana, justamente em uma área que existia os antigos canais que hoje se encontram abandonados e secos.

Considerações finais

Ao tratar o campo como territórios, podemos compreender como os sujeitos sociais – elite agrária, trabalhadores rurais, pequenos agricultores e assentados - atuam para estabelecer suas estratégias. É diante dessas estratégias que temos conflitos e, principalmente, um conjunto de ações (organizacional, labora, técnica) que constrói as ruralidades. Concordamos com os autores que trazem para o debate que tais ruralidades não são estratégias que visam ‘olhar’ o rural como espaços simulacros, bucólicos, românticos e com isonomia.

Os atributos que definem o campo são sempre a negação da cidade, enquanto na cidade (espaço urbano) temos concentração (pessoas, construções, equipamentos...), no campo não há; enquanto na cidade temos acesso aos serviços e bens de consumo,

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

no campo não há. E quando tais equipamentos e serviços existem, a própria caracterização do campo passa pelo questionamento se o modo de vida é rural.

Se em tempos coloniais, a elite se sentia, frequentemente, acima da lei, pois a lei se confundia com o próprio poder local, os não proprietários eram ignorados como sujeitos de direitos e nem sequer eram reconhecidos como trabalhadores (Wanderley, 2009). Ao estudar o contexto atual, a relação colonial e a visão deturpada sobre o campo parecem continuar, infelizmente. A forma encontrada para romper essa visão elitista-dicotômica é a partir da pressão dos movimentos sociais no campo.

A constituição dos assentamentos rurais, por meio da organização coletiva, representa uma estratégia de colocar o campo, os trabalhadores expropriados e expulsos como protagonistas de suas lutas. Ao resistir diante da elite agrária, da pressão do poder político local, da própria mídia, os assentados constroem suas territorialidades, ruralidades. Tais ruralidades valorizam seus saberes, suas lutas, enfim, constroem territórios do campo e não somente territórios no campo.

A realidade agrária do município de Campos dos Goytacazes retrata como a elite agrária e suas estratégias foram organizadas espacialmente, com a concentração de terra, de dinheiro e de poder. Após a sistematização e análise dos dados, constatamos que a atividade agrícola tem um peso importantíssimo na composição da renda familiar. Aliada a essa estratégia, a aposentadoria também é expressiva como renda de transferência social.

Referências

ABRAMOVAY, R. (1998). Funções e medidas do rural contemporâneo, em Texto para discussão n. 702, Rio de Janeiro/Brasília, IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

ALENTEJANO P. (2003). *Reforma agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro. Tese em Doutorado em Geografia*. Rio de Janeiro: CPDA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

AQUINO, S. (2008). A caminho do Campo: as relações entre Reforma Agrária e migrações rural-urbana-rural e urbano-rural. Um estudo de caso em Campos dos Goytacazes. Dissertação em Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), CPDA, UFRRJ.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

BAGLI, P. (2006). Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição, en SPOSITO, Maria Encarnação B; WHITACKER, Arthur Magon (Org.), Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e rural, São Paulo, Expressão Popular.

BAGLI, P. (2006b). Rural e urbano nos Municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BECKER, O. (2014). O trabalhador na atividade canavieira do Norte Fluminense: uma categoria em transformação, en BERNARDES, Julia Adão; SILVA, Catia Antônia (Org.), Modernização e território. Entre o passado e o presente no Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Lamparina/Capes.

BERNARDES, J. (2014). Reescrevendo a história do Norte Fluminense sucroalcooleiro no contexto da última modernidade, en BERNARDES, Julia Adão; SILVA, Catia Antônia (Org.), Modernização e território. Entre o passado e o presente no Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Lamparina/Capes.

BERNARDES, J.; SILVA, C. (2014). Modernização e território. Entre o passado e o presente no Norte Fluminense. Rio de Janeiro: Lamparina/Capes.

BIAZZO, P. (2010). Espaços campestres, espaços citadinos, ruralidades e urbanidades: o norte fluminense em suas formas e conteúdo, en MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.), Revisitando o território fluminense III, Rio de Janeiro, Gramma.

CAMARANO, A.; ABRAMOVAY, R. (1999). Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos Últimos 50 Anos. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3929
Acesso em 08 de fev. de 2018.

CARMO, R. (2009). A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação, en Sociologias, Porto Alegre, numero 21, pp. 252-280.

CARNEIRO, M. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção”, en Revista Estudos Sociedade e agricultura, Rio de Janeiro, n. 11, p. 53-75.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

CARNEIRO, M. (2002). Multifuncionalidade da agricultura e ruralidade: uma abordagem comparativa, en MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flavio de C. (Org.), Mundo rural e cultural, Rio de Janeiro, Mauad.

CRUZ, J. (2016). Novas perspectivas de análise da dinâmica socioeconômica e territorial da Região Fluminense do Extrativismo Petrolífero, en Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, numero 09, pp. 49–67.

FABRINI, J. (2009). A reprodução contraditória no rural nas cidades pequenas, en Terra Livre São Paulo, volumen1, numero 32, pp. 137-152.

FERREIRA, A. (2015). Faria tudo outra vez. Antônio João de Faria, Campos dos Goytacazes, Marka.

GONÇALVES, R. (2012). A Atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes: uma análise do Assentamento Zumbi dos Palmares. Dissertação (Mestre em Extensão Rural). UFV.

GRAZIANO DA SILVA, J. (1997). O novo rural brasileiro, en Revista Nova Economia, Belo Horizonte, numero 07, pp. 43-81.

HADDAD, L. (2009). Analisando as tensões entre produção agrícola e conservação ambiental no contexto dos assentamentos de reforma agrária, Campos dos Goytacazes, RJ, Universidade Estadual do Norte Fluminense, UENF, Campos dos Goytacazes.

KAGEYAMA, Â. (2008). Rural e ruralidade, en KAGEYAMA, Ângela A. (Org.), Desenvolvimento rural: conceitos e aplicação ao caso brasileiro, Porto Alegre, Editora da UFRGS/ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

LAMARCHE, H.(coord.) (1993). Agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multiforme. Campinas, Editora da UNICAMP.

LEFEBVRE, H. (2001). A cidade do capital, Rio de Janeiro, DPA.

LENCIONI, S. (2011). Algumas observações sobre a construção de conceitos e os conceitos de cidade e urbano, en SAQUET, Marcos Saquet; SUZUKI, Julio Cesar; MARAFON, Gláucio José (Org.), Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas, São Paulo, Outras Expressões.

Moreira Santos, Erika Vanessa / Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

MARAFON, G. (2010). Relações campo-cidade: uma leitura a partir do território fluminense, en MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.), Revisitando o território fluminense III, Rio de Janeiro, Gramma.

MARAFON, Glaucio José et al (org.) (2001): Geografia do Estado do Rio de Janeiro, Gramma.

MOREIRA, E. (2012). *A ruralidade e a multifuncionalidade em Piedade e Pilar do Sul. Tese em Doutorado em Geografia*. Brasil: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista.

OLIVEIRA, A. (2004). Geografia Agrária: perspectivas no início do Século XXI. En OLIVEIRA, A. U.; Marques, M.I.M.. (Org.). O Campo no Século XXI, São Paulo, Paz e Terra/Casa Amarela, pp. 29-70.

PENUTT DA CRUZ, R. (2013). *ASSENTADO E ASSENTADOS: formas de diferenciação entre agricultores no Projeto de Assentamento Che Guevara (Campos dos Goytacazes/RJ). Dissertação em Mestrado em Antropologia*, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Niterói.

PIRES, André (2008): Ruralidades em transformação, São Paulo, Fapesp.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ASSENTAMENTO ANTONIO DE FARIAS, 2002.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO ASSENTAMENTO CHE GUEVARA, 2000.

POSE, F.; SILVA, W. (2014). Setor sucroenergético e os novos empreendimentos no norte fluminense: um novo cenário regional, en BERNARDES, Julia Adão; SILVA, Catia Antônia (Org.), Modernização e território. Entre o passado e o presente no Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Lamparina/Capes.

PRADO JUNIOR, C. (2011). Formação do Brasil Contemporâneo, São Paulo, Companhia das letras.

SANTOS, M. (1998). Metamorfose do espaço habitado, São Paulo, Hucitec.

SAQUET, M. (2014). Territorialidades, relações campo-cidade e ruralidades em processos de transformação territorial e autonomia, en Revista campo-território, Uberlândia, pp. 1-30.

Moreira Santos, Erika Vanessa | Relação campo-cidade e as ruralidades nos assentamentos rurais em Campos dos Goytacazes, RJ.

SCHNEIDER, S.; BLUME, R. (2004). Ensaio para uma abordagem territorial da ruralidade: em busca de uma metodologia, en Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, numero 107, pp.109-135.

SILVA, C.; RAINHA, F. (2014). A produção social do espaço e do tempo da modernização: desafios analíticos para a compreensão do município de Campos dos Goytacazes, en BERNARDES, Julia Adão; SILVA, Catia Antônia (Org.), Modernização e território. Entre o passado e o presente no Norte Fluminense, Rio de Janeiro, Lamparina/Capes.

SPOSITO, M. (2006). A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade, en SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. (Org.), Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural, São Paulo, Expressão Popular.

TORRES, L.; ABRAHAM, E.; PASTOR, G. (2014). Ventanas sobre el territorio. Herramientas teóricas para comprender las tierras secas, Mendonza, EDIUNC.

VALE, A. (2006). *A Plurifuncionalidade nos espaços periurbanos do Município de Araraquara-SP. Tese em Doutorado em Geografia*, Rio Claro, IBGE, Universidade Estadual Paulista.

VEIGA, J. (2006). Nascimento de uma nova ruralidade, en Estudos Avançados, São Paulo, numero 20, pp. 333-353.

WANDERLEY, M. (2000). A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas, en Revista Estudo Soc. Agr., Rio de Janeiro, numero 15, pp. 87-145.

----- (2009). O mundo rural brasileiro: acesso a bens e serviços e integração campo-cidade, en Revista Estudo Soc. Agr., Rio de Janeiro, vol 17, numero 1, p. 60-85.

ZACCHI, R.; CAETANO, R.; PEIXOTO, T. (2013). Expansão urbana e mudança do uso do solo: o caso das terras da Usina do Queimado, Campos dos Goytacazes, RJ, en LEITE, Adriana Filgueira; GOMES, Marcos Antônio Silvestre (Org.), Dinâmica ambiental e produção do espaço urbano e regional do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, Essentia.